

## Grupo de Trabalho 6: INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E TRABALHO

### ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO EM AMBIENTES NÃO TRADICIONAIS: o campo da saúde

#### *LIBRARIAN'S NON-TRADITIONAL JOB MARKET: health field*

**Vera Silvia Marão BERAQUET**

Professora Doutora, Pontifícia Universidade Católica de Campinas

*e-mail:* beraquet@puc-campinas.edu.br

**Renata CIOL**

Mestre em Biblioteconomia e Consultora de Informação do Serviço de Ortopedia e

Traumatologia do Hospital e Maternidade Celso Pierro

*e-mail:* rciol@uol.com.br

#### **Resumo**

Objetivo: destacar a atuação profissional na área da saúde e a potencialidade da tendência aos serviços de Biblioteconomia Clínica. Método: revisão de literatura em periódicos de Biblioteconomia, anais do do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (Enancib) e entrevista com bibliotecária de hospital universitário. Resultados: os bibliotecários brasileiros na saúde ainda atuam no setor acadêmico e os poucos encontrados na área clínica fundamentam suas atividades na prática, sem atitude científica. Fora das bibliotecas médicas, poderiam agir como verdadeira ponte entre informação e usuário em hospitais públicos, hospitais de ensino, consultorias em projetos, revisão e orientação de trabalhos científicos, localizando recursos para permitir aos clínicos, respostas para melhor decisão clínica. Bibliotecários atuantes em hospitais ainda não se denominam bibliotecários clínicos, mas já é possível antever a perspectiva de atuação desse profissional rumo à Biblioteconomia Clínica por conta de algumas iniciativas práticas e de discussões em eventos da área de informação. Na questão prática, bibliotecária de um hospital universitário brasileiro vem trabalhando junto ao Setor de Ortopedia na identificação das necessidades informacionais de médicos, docentes e residentes, na elaboração, orientação, redação e submissão de projetos de pesquisa e de artigos científicos, na capacitação em bases de dados. Constitui atividade em ambiente não tradicional que exige, principalmente, conhecimento de técnicas de recuperação da informação e do fluxo da pesquisa clínica. Conclusão: A Biblioteconomia tem que sair da biblioteca e das demais “caixas” onde é exercida e ir, de uma vez por todas, para onde está seu cliente. Este bibliotecário que está sendo vislumbrado no Brasil, mesmo não sendo ainda um bibliotecário clínico, está construindo e abrindo caminhos.

#### **Palavras-chave**

Biblioteconomia Clínica. Educação bibliotecária. Ambiente de trabalho.

#### **Abstract**

*Objective: to point out some questions about non-traditional library fields such as health, highlighting the potential trend of clinical librarianship. Method: literature review and an interview with a librarian at a university teaching hospital. Results: most of the Brazilian health librarians work in academic libraries, and those few who can be found in clinical settings look for the basis of their work in practical activities instead of scientific ones. Working outside libraries, the professional could act as a bridge between information and the user in public*

*hospitals, teaching hospitals, and consultancy projects, helping to find adequate resources to enable the best clinical decisions. The physical building of the library itself does not necessarily have to exist, for the priority is no longer the collection but the access to information. Hospital librarians have not yet been named as clinical although some practical initiatives and discussions can be seen in the country. On the practical initiative side, a pilot project has been going on since 2008 at Orthopaedics Department of a university hospital with the main purpose of identifying the information needs of physicians, teaching staff and residents when writing research projects and in the process of submission of scientific papers, to promote training on databases search and retrieval. These activities happen in a non-traditional library environment which requires knowledge about information retrieval as well as the flow of clinical research. Conclusion: librarianship must free itself from library and should be where the customer is; those who are thinking out of the box may well be paving the way for clinical librarians' work in the country.*

**Key words**

*Clinical Librarianship. Library education. Environment work.*

## APRESENTAÇÃO

O Grupo de Trabalho 6 (GT6) Informação, Educação e Trabalho da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia (Ancib) aborda o campo de trabalho informacional, que envolve desde atores e cenários, competências e habilidades requeridas, até as relações de trabalho em unidades de informação, passando pela relação tecnologia-trabalho e o mercado em diferentes campos do conhecimento.

Na sua décima edição, em 2009, o GT6 trouxe para o Enancib 19 trabalhos diversificados em temas e autores inscritos, com ênfase na formação e atuação profissional (mercado de trabalho), onde foram apresentadas pesquisas e realizados debates sobre as tendências, principalmente de mercado de trabalho para o profissional da informação. Esta última questão está fortemente relacionada com as necessidades da sociedade, mas, infelizmente, tal ligação nem sempre ocorre com as instituições formadoras desse profissional, razão pela qual é preciso conhecer os desafios deste mercado em constante mudança e como o profissional da informação responde a eles.

Os dilemas de transição do ambiente informacional preocupam os atores envolvidos, por vezes, amarrados ao velho paradigma do trabalho em instituições tradicionais, sem visão clara da situação futura que não requer, necessariamente, espaço físico para atuação do profissional da informação. É mister ter em mente este momento de mudança para poder vislumbrar tendências para os próximos anos, entendendo-se, aqui, tendência como a propensão dos indivíduos em modificar hábitos já estabelecidos.

Este artigo traz reflexões sobre a atuação profissional em ambientes não tradicionais de informação, como a área da saúde, destacando a potencialidade da tendência aos serviços de Biblioteconomia Clínica. Busca contribuir para o entendimento do que faz o bibliotecário fora do ambiente convencional biblioteca: o que ele precisa saber? Onde aprendeu? O que lhe falta?

## INTRODUÇÃO

Dentre as várias dimensões que permeiam o campo da educação e formação do bibliotecário brasileiro – a dimensão social, política e cultural; a dimensão científica; a dimensão da reflexão e mediação crítica; a dimensão da tecnologia; a dimensão da profissão e do trabalho bibliotecário, etc. – serão abordados, neste trabalho, os aspectos relacionados à dimensão profissional e do mundo do trabalho.

Neste sentido, quando se pergunta qual é o principal desafio das instituições formadoras do profissional bibliotecário brasileiro, a hipótese que se apresenta é tentar acompanhar a velocidade das mudanças em todos os setores da sociedade. Tal objetivo certamente demanda proposta educacional que potencialize aspectos relacionados à sua formação como indivíduo e cidadão atuante (protagonista de sua própria história), mas também voltada à aprendizagem e ao desenvolvimento de novas competências surgidas com essas mudanças sociais.

Há quase 30 anos vem se discutindo na área a necessidade de ampliação do mercado de trabalho do profissional da informação para além dos ambientes tradicionais. (ROBREDO *et al.*, 1984; VIEIRA, 1983a, 1983b). O grande empregador do bibliotecário continua sendo o Estado em seus vários níveis, em nichos tradicionais regulamentados pelas leis trabalhistas brasileiras, segundo assinalam Pena e Crivellari e Neves (2006). Por isto, o assunto continua ainda bastante aberto a discussões, pois não tem sido suficiente apenas refletir, na literatura ou em eventos científicos, sobre mudanças de paradigma, aparentemente distantes da prática profissional.

O fato de alguns egressos de cursos de Biblioteconomia estarem trabalhando em empresas – e não em bibliotecas – pode ser considerado um fator positivo. Isto porque mostra que, apesar de as disciplinas das instituições de ensino superior (IES) ainda enfatizarem documentos e acervo, o discurso em sala de aula provavelmente está se alterando. Bom exemplo é a busca por novos mercados de estágio e os temas *off-library* das monografias de conclusão de curso.

As instituições empregadoras, gradualmente, estão apresentando demandas para o bibliotecário que incluem tarefas e funções inovadoras, de acordo com novos paradigmas. São mudanças que ocorrem sutilmente e que constituem motores para transformações na delimitação do *corpus* da profissão. Sem dúvida, essas mudanças acentuaram-se ao final do século XX, marcado por transformações socioeconômicas causadas por diversos fatores amplamente conhecidos, dentre eles a revolução tecnológica e seu impacto na formação acadêmica e profissional em todas as áreas do conhecimento.

As transformações sociais, especialmente, a irreversível expansão das tecnologias de informação e de comunicação (TIC), têm exigido mudanças nas atitudes, nos conhecimentos e nas concepções da profissão bibliotecária como um todo, aí incluídas entidades de classe, instituições formadoras e empregadoras, bem como os próprios profissionais, potenciais consultores e autônomos no trabalho com informação.

Outra variável que vem afetando o trabalho com informação é a evolução sem fim das redes sociais e de relacionamentos. A Internet veio para mudar o mundo da comunicação da informação e da construção do conhecimento e não há como retroceder. É com esta perspectiva que os Cursos de Biblioteconomia, Medicina, Engenharia, Química, Filosofia, etc. vêm alterando o universo de ensino e pesquisa.

Como reflexo das grandes modificações ocorridas na sociedade brasileira a partir de meados da década de 60, o setor de ensino superior sofreu intensas mudanças em sua legislação, estruturação, desenvolvimento e funcionamento. A crescente busca de acesso à universidade, sobretudo, como forma de profissionalização e de inserção no atual mercado de

trabalho impulsionou o enorme crescimento do setor. O modelo de ensino superior brasileiro passa de um sistema federado e solto de faculdades (que, geralmente, serviam às comunidades locais) ou de universidades amplas, fortes e verticalmente integradas, para um novo modelo. Agora, centrado em instituições especializadas e voltadas ao atendimento de interesses dos alunos, empresas, governos, bem como ao fortalecimento das interações entre elas, buscando servir a uma sociedade cada vez mais diferenciada e com inúmeras necessidades e objetivos.

As universidades tornam-se mais visíveis diante dos diferentes agentes sociais e, talvez como consequência desta visibilidade, surgem periódicas críticas de que o sistema educacional está aquém das necessidades do País ou que boa parte da universidade está distante do mercado. Mesmo reconhecendo que as IES não devam restringir-se ao oferecimento tão-somente do ensino profissional, é fundamental que um curso de graduação integre a formação técnica à humana e à ética, exigindo dos gestores que as demandas por novos perfis profissionais sejam acompanhadas por meio de um processo articulado com a sociedade e o mundo do trabalho.

Este tem sido o enfoque buscado pelos cursos brasileiros de Biblioteconomia após receber, por décadas, críticas de que o ensino oferecido era por demais tecnicista. O perfil do profissional, desde então, tem passado por transformações com grande diversificação de seu papel e de suas atribuições. O mercado de trabalho que tradicionalmente limitava-se à atuação dentro de bibliotecas e / ou centro de informações tendo o suporte impresso como objeto de trabalho, agora, pode ultrapassar estes espaços físicos a partir das inovações da informática e das telecomunicações.

## **O CAMPO DA BIBLIOTECONOMIA**

Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), que data do ano de 2007, os profissionais bibliotecários desenvolvem atividades em bibliotecas e centros de documentação e informação na administração pública e nas mais variadas atividades do comércio, indústria e serviços, com ênfase nas áreas de educação e pesquisa. Ainda conforme a CBO, são consideradas atividades inerentes ao profissional: disponibilizar informação em qualquer suporte; gerenciar unidades, redes e sistemas de informação; tratar tecnicamente recursos informacionais; desenvolver recursos informacionais; disseminar informação; desenvolver estudos e pesquisas; prestar assessoria e consultoria; realizar difusão cultural; desenvolver ações educativas; demonstrar competências pessoais.

Teoricamente, todas estas são atividades que o bibliotecário pode e vem sendo preparado para desenvolver, até porque muito se fala sobre a expansão do campo de trabalho e de novos nichos de mercado surgidos com a grande demanda por informação e conhecimento gerados pelas características da sociedade atual. Segundo Valentim (2002), os profissionais de hoje podem trabalhar em diversos setores de atividades: no setor público, no setor privado, no setor associativo (sindicatos, organizações não governamentais, ONG) e também como autônomo. Eles estão sendo capacitados para tratar e recuperar a informação onde quer que ela esteja, tornando-se intermediadores entre a informação necessária para o crescimento das organizações, assessorando e auxiliando em seus diversos níveis de gestão. Ainda segundo a autora, o mundo atual precisa de profissionais com conhecimentos e competências específicos, porém que estejam integrados em concepções gerais, sem restrições ao espaço determinado do campo de atuação que escolheu para trabalhar.

Segundo Beraquet *et al.* (2006), o campo de atuação do bibliotecário é amplo porque além de diferentes instituições, ao ingressar no mercado de trabalho, pode atuar em áreas

específicas do conhecimento, que exigem habilidades e competências também específicas. Dentre elas, destaca-se a saúde, por conta da necessidade constante de atualização e inovação no setor médico, e por constituir um campo de interesses universais que ultrapassam as fronteiras de países e continentes. De fato, ao lado da agricultura, a saúde sempre foi uma área priorizada pelos bibliotecários, embora essa atuação tenha sido nas linhas convencionais de organização e tratamento e disponibilização de informação. Bibliotecários brasileiros no campo da saúde, ainda operam, em sua maior parte, no setor acadêmico. Os poucos encontrados na área clínica desenvolvem suas atividades na prática, sem atitude fundamentada no conhecimento científico. (BERAQUET; CIOL, 2009; CIOL; BERAQUET, 2009).

O trabalho do bibliotecário médico que se encontra, quase sempre, nas universidades, pressupõe as atividades de busca em sistemas de informação, análise e negociação de questões e a formulação de estratégias que vão indicar o êxito da busca. Na saúde, o bibliotecário que atua fora das bibliotecas médicas pode agir como verdadeira ponte entre a informação e o usuário que dela precisa. No papel de intermediário, tem que ser visto como parte integrante da equipe clínica, no sentido de relacionar-se com os profissionais da saúde em igualdade. Obviamente tem que estar disposto a entrar nesse mundo como observador atento, conhecendo as nuances específicas da área e as especificidades de cada setor / serviço ou especialidade. A Biblioteconomia tem que sair da biblioteca e das demais “caixas” onde é exercida e ir, de uma vez por todas, para onde está seu cliente.

A área da saúde conforma um cenário em que interagem diversos profissionais, com demandas de conhecimento e informação que podem tanto serem comuns ao amplo campo da saúde ou apenas de interesse de alguns especialistas. Junto a esses profissionais, pacientes também têm necessidades de informação, principalmente sobre diagnóstico e terapia, de acordo com afirmação de Galvão e Leite (2008).

Ao deixar de lado os campos de atuação tradicionais amplamente cobertos pela literatura (bibliotecas médicas universitárias), o bibliotecário da saúde pode atuar em hospitais públicos, hospitais de ensino, consultorias em projetos, revisão e orientação de trabalhos científicos, etc., com distintas e específicas atividades em cada setor. Tal fato corrobora o afirmado por Santos (2007) de que os campos de atuação tradicionais não são mais as únicas opções para o profissional da informação, que, hoje, pode atuar em áreas antes não imaginadas e sequer consideradas.

No Brasil, a atuação do bibliotecário fora das bibliotecas médicas ainda não é muito freqüente. A Medicina baseada em evidências (MBE) vem sendo importante para esses profissionais da informação. Isto porque aponta que as demandas de informação em saúde ampliam-se exponencialmente nos setores de pesquisa e de atenção médica e as fontes de informação que podem responder a uma questão divergem em formato e conteúdo, mostrando a complexidade dos diversos cenários clínicos. (FLORANCE *et al.*, 2002).

Na visão de Atallah (1996), a prática baseada em evidências diminui a ênfase da atuação clínica baseada apenas na intuição e em experiências não sistematizadas para fundamentá-la em provas científicas rigorosas e adequadas. Por dedicar especial atenção à condução do desenho da pesquisa e à análise estatística, baseando-se nos métodos de epidemiologia e na avaliação crítica da literatura, o uso de informação é, segundo Sackett *et al.* (1996), a essência da MBE, que, por sua vez, amplia o trabalho dos profissionais da saúde (e da informação) como produtores e consumidores da mesma.

A sobrecarga informacional e a publicação de resultados de pesquisa em saúde conflitantes podem levar a dúvidas sobre uma questão clínica. (TSAFRIR; GRINBERG, 1998). Um

desafio dos profissionais da saúde é conhecer as estratégias de busca na literatura e desenvolver habilidades de avaliação dessa literatura para aplicá-la na rotina clínica.

Para Dias (2002), a realização da busca está diretamente relacionada ao conhecimento dos usuários e, especialmente, no caso da informação especializada, das complexas fontes de informação e seu acesso. A busca pressupõe conhecimento das estruturas, linguagens e outros elementos essenciais da organização da informação. O domínio dessas habilidades em níveis mais altos de eficiência pressupõe treinamento especializado e experiência substancial. Também o volume de informação constante na literatura da área da saúde exige habilidades de busca bastante complexas e o médico, ao não encontrar resposta para sua pergunta, normalmente, atribui o fato à inexistência da mesma, quando a razão pode estar nos erros em sua estratégia de busca. Deve-se lembrar que o comportamento de busca de informação desses profissionais e a falta de tempo e de habilidades podem fazer com que encontrem informação pouco relevante para suas ações.

Investigação em hospital universitário de Israel mostrou que médicos buscam na literatura relatos de casos semelhantes ao problema ou artigos que mais se aproximam do caso em questão, permitindo inferir que um desafio em levar a evidência para a prática é localizar a informação essencial para a decisão clínica. (TSAFRIR; GRINBERG 1998). Afinal, os profissionais da saúde deveriam ser capazes de avaliar criticamente a evidência científica, o que implica conhecer e interpretar os tipos de pesquisa e os termos da área, além de saber como o viés pode afetar a acurácia das observações em pacientes individuais; identificar pontos fortes / limitações dos diferentes tipos de estudos clínicos; saber julgar a validade das evidências e compreender as limitações da estatística.

Esse quadro de competências, embora ideal, não é ainda realidade nos hospitais brasileiros, embora alguns serviços similares venham sendo desenvolvidos em grandes centros urbanos do País.

## **BIBLIOTECONOMIA CLÍNICA: NOVA TENDÊNCIA?**

Um dos maiores desafios para o bibliotecário do século XXI é educar a si próprio e aos outros para aprender a aprender constantemente, o que exige o desenvolvimento de habilidades de informação. Como afirmam Tarapanoff e Suaiden e Oliveira (2002, paginação irregular), “[...] a melhora dessas habilidades tem relação com outras competências como a compreensão da leitura, o pensamento crítico, a solução de problemas”.

Tais habilidades, no caso da saúde e demais ambientes não convencionais de trabalho, mantêm como objetivo a provisão de informação efetiva àqueles que dela necessitam. O bibliotecário deixa de ser apenas provedor de informação para tornar-se parceiro na disseminação, no uso e na geração de novos conhecimentos. Assim, é possível concordar com os autores supracitados de que não há um perfil de profissional da informação único pelo fato de ser improvável encontrar, em apenas uma profissão ou em determinado perfil, a síntese de atividades que compreenda todas as facetas da informação necessárias para o deslanchar das atividades de uma organização.

O bibliotecário da área da saúde também não possui perfil único, pois os diversos ambientes e profissionais que compõem o amplo cenário da área possuem, também, diversas e específicas demandas informacionais. É exatamente um novo perfil de bibliotecário da área da saúde que se quer abordar neste trabalho, indicando o bibliotecário clínico, além do perfil do bibliotecário médico. Quem seria este bibliotecário clínico?

Segundo Lamb (*apud* WOLF *et al.*, 2002, paginação irregular), o bibliotecário clínico é “[...] um bibliotecário treinado para participar das rondas médicas, cujo desempenho seria medido como uma contribuição à melhora do atendimento ao paciente”. Esse profissional integra as equipes médicas multidisciplinares nos locais em que surgem as necessidades de informação, ou seja, reuniões da equipe, reuniões de orientação e reuniões educacionais. Localiza e sistematiza recursos informacionais para permitir que os clínicos encontrem respostas adequadas para subsidiar a melhor decisão clínica, fundamentados na informação científica. (RIGBY *et al.*, 2002).

Sob esta ótica, afirma-se que a Biblioteconomia Clínica objetiva reforçar a missão da própria Biblioteconomia: tornar a informação relevante e disponível no momento em que é solicitada. No hospital, o bibliotecário clínico leva a biblioteca ao usuário, antecipa suas questões e tenta oferecer a informação adequada até mesmo antes de ser solicitado. Para tanto, deve possuir as seguintes habilidades: construção e manutenção de boa relação profissional com médicos; capacidade de fazer perguntas; capacidade de aprender e se interessar por questões clínicas e científicas. Sobre os conhecimentos, espera-se que detenha algum conhecimento clínico e sobre termos médicos; gestão de projetos; busca em bases de dados; prática baseada em evidências; métodos de pesquisa e noções de epidemiologia. (SARGEANT; HARRISON, 2004).

Pelo que se pode apreender da literatura internacional, o bibliotecário clínico se ocupa das atividades de recuperação e transferência da informação segundo as necessidades de informação dos usuários. Com relação à experiência brasileira, alguns trabalhos têm abordado a atuação do bibliotecário na saúde sem, no entanto, abordar sua inserção no ambiente clínico. (CRESTANA, 2002; CURTY, 1999).

Martinez-Silveira (2005) investigou o comportamento informacional do médico-residente de um hospital universitário brasileiro no uso da informação para a prática clínica, verificando, também, o papel do bibliotecário. A autora acredita que não serão as bibliotecas tradicionais a suprir, com excelência, as demandas informacionais dos médicos, e, sim, os bibliotecários especializados inseridos nos diferentes contextos.

A este respeito, esclarece-se que Galvão e Leite (2008) são pesquisadoras brasileiras que vêm tentando caracterizar as competências e a atuação do profissional da informação no contexto da saúde. Em revisão de literatura sobre o tema (1997-2006), selecionaram 53 trabalhos completos relacionados ao perfil deste profissional. Os dados encontrados permitiram observar a necessidade de compreender termos relacionados ao informacionista, bibliotecário médico e bibliotecário clínico. As autoras concluíram que não existe consenso sobre as competências do profissional da informação em saúde, e que estes três termos apareceram no cenário internacional como tentativa de representar algumas mudanças conceituais.

Apesar da indefinição terminológica, essas autoras observaram que os conceitos em pauta estão se movendo, de forma gradual, da instituição biblioteca para o trabalho com as necessidades informacionais dos usuários da saúde – equipe clínica, demais profissionais, pacientes e familiares. A não obrigatoriedade do edifício biblioteca, por sua vez, leva à necessidade de ampla infra-estrutura tecnológica (sistemas de informação), uma vez que se prioriza o acesso à informação e não o acervo.

Na saúde, que constitui um campo de atuação imenso mesmo quando se fala apenas da Medicina, são vários os atores envolvidos. A Medicina possui inúmeras ramificações em suas especialidades e subespecialidades médicas, que, por seu turno, se envolvem com associações, atividades de ensino e pesquisa, ações de comunicação científica, o próprio atendimento

clínico, ou seja, diferentes trabalhos que permitem várias possibilidades de atuação do bibliotecário.

Assim, observa-se, no Brasil, movimento em direção ao paradigma do acesso à informação em saúde. Bibliotecários atuantes em hospitais ainda não se denominam bibliotecários clínicos, caso seja aplicado o conceito britânico. Este profissional não atua como membro efetivo da equipe clínica, que deve levar ao médico a melhor evidência científica no momento do atendimento ao paciente. Quer dizer, o bibliotecário clínico inglês que apóia a decisão clínica não tem, hoje, correspondência no Brasil, mas já se pode antever a perspectiva de atuação deste profissional rumo à Biblioteconomia Clínica, por conta de algumas iniciativas práticas e de discussões acadêmicas.

Em termos acadêmicos, os debates vêm ocorrendo no GT6 dos Enancib desde 2006 com apresentação dos trabalhos das autoras com grande receptividade por parte dos pesquisadores, bem como em outros eventos da área de informação, inclusive internacionais. Houve, também, manifestações de interesse de alunos de outras IES brasileiras, em participar, do grupo de pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) e / ou incluir o tema em seus trabalhos de graduação.

Como ilustração de perspectiva prática, bibliotecária de um hospital universitário brasileiro vem trabalhando junto ao Setor de Ortopedia e Traumatologia no apoio ao desenvolvimento da cultura científica no Setor. Tem como atribuição identificar as necessidades informacionais do corpo clínico, docentes e residentes, para apoiá-los na elaboração, orientação, redação e submissão de projetos de pesquisa ao Comitê de Ética, de artigos científicos aos periódicos da área, bem como, de trabalhos para eventos de Ortopedia.

No papel de ampliar a literacia informacional desses usuários, o referido bibliotecário promove junto à biblioteca universitária, capacitação nas bases de dados da saúde, além de auxílio na definição de descritores para realização das buscas bibliográficas. Também ministra aulas com o objetivo de fornecer subsídios para a melhoria do processo de comunicação científica de Ortopedia. Trata-se, pois, de atividade em ambiente não tradicional que exige, além do conhecimento das técnicas de recuperação da informação, amplo entendimento do fluxo da pesquisa clínica: conhecimento holístico das universidades, o papel do hospital universitário e as rotinas e procedimentos da pesquisa científica.

É necessário, também, boa redação e leitura fluente no idioma inglês. Não se pode deixar de mencionar a relevância da interação (ou empatia) com o corpo clínico, que tem que se sentir compreendido e ter suas necessidades informacionais atendidas para aceitar o bibliotecário como parte da equipe.

Pelo exposto, à primeira vista, o apoio do bibliotecário em pauta às atividades científicas da Ortopedia do hospital pode não se assemelhar ao suporte à decisão na prática clínica. No entanto, tal afirmação pode ser revista, ao se considerar que as inquietações que dão origem à pergunta de pesquisa que ele apóia vêm, em sua grande parte, das dúvidas surgidas durante a prática clínica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este bibliotecário que está sendo vislumbrado no Brasil, mesmo não sendo ainda um bibliotecário clínico, está construindo e abrindo caminhos. As discussões vêm se ampliando e a própria Ancib está se envolvendo com a questão, ao promover, em 2010, o primeiro Fórum *Informação em Saúde: pesquisas, realizações e perspectivas* durante e como parte do Enancib.



Tal iniciativa mostra a relevância do tema para as questões científicas da Ciência da Informação / Biblioteconomia e a necessidade de ampliar os estudos na área.

São necessários e urgentes pesquisas que visem buscar, no País, outras iniciativas locais sobre a atuação do bibliotecário na saúde, voltadas para o apoio clínico. Numa nação de dimensões continentais, não se pode dizer que a única tentativa de Biblioteconomia Clínica seja a do Programa de Biblioteconomia Clínica implantado pela Fundação Pioneiras Sociais, no Hospital das Doenças do Aparelho Locomotor de Brasília, em 1983, e que não teve continuidade. (SILVA, 1986).

É hora de os bibliotecários agirem pro-ativamente em direção de novos conceitos e novas práticas profissionais no campo da saúde, sem esperar que a demanda surja de médicos ou de alguma necessidade pontual e específica. Sem dúvida, é uma área com enorme potencial transformador e criativo no trabalho com a informação – o desafio está apenas começando!

### REFERÊNCIAS

ATALLAH, A.N. Medicina baseada em evidências: uma nova maneira de ensinar e praticar. **Revista Diagnóstico e Tratamento**, São Paulo, v.1, n.2, p.8-10, 1996.

BERAQUET, V. S. M.; CIOL, R. O bibliotecário clínico no Brasil: reflexões sobre uma proposta de atuação em hospitais universitários. **Datagramazero**, v. 10, n. 2, abr. 2009.

BERAQUET, V. S. M. *et al.* Bases para o desenvolvimento da Biblioteconomia Clínica em um hospital da cidade de Campinas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2006, Marília, SP. **Anais...** Marília, SP: Ancib, 2006. 12 p.

CIOL, R.; BERAQUET, V. S. M. Evidência e informação: desafios da Medicina para a próxima década. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p. 221-230, set. / dez. 2009.

CRESTANA, M. F. **Discurso de bibliotecárias a respeito de suas profissões na área médica**. 2002. 82 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2002.

CURTY, M. G. **Busca de informação para desenvolvimento das atividades acadêmicas pelos médicos docentes da Universidade Estadual de Maringá**. 1999. 139 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Ciência da Informação) – Faculdade de Biblioteconomia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. 1999.

DIAS, E. W. Ensino e pesquisa em Ciência da Informação. **Datagramazero**, v. 3, n. 5, out. 2002. *Pesq. bras. ci. inf.*, Brasília, v.3, n.1,p.127-137, jan./dez. 2010

FLORANCE, V. *et al.* Information in context: integrating information specialists into practice settings. **The Journal of the Medical Library Association**, [S. l.], v. 90, n.1, p. 49-58, Jan. 2002.

GALVÃO, M. C. B.; LEITE, R. A. F. Do bibliotecário médico ao informacionista: traços semânticos de seus perfis e competências. **Transinformação**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 181-192, maio / ago. 2008.

MARTÍNEZ-SILVEIRA, M. S. **A informação científica na prática médica**: estudo do comportamento do médico-residente. 2005. f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, Bahia. 2005.

PENA, A. S., CRIVELLARI, H. M. T, NEVES, J. A. O mercado de trabalho do profissional da informação um estudo com base na RAIS comparando os anos de 194 e 2004. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2006, Marília, SP. **Anais...** Marília, SP: Ancib, 2006. 12 p.

RIGBY, E. *et al.* Clinical librarians: a journey through a clinical question. **Health Information and Libraries Journal**, Oxford, v. 19, n. 3, p.158-160, Sep. 2002.

ROBREDO, J. *et al.* Tendências observadas no mercado de trabalho dos bibliotecários e técnicos da informação nas bibliotecas especializadas do DF e qualificações requeridas. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 123-147, jul. / dez. 1984.

SACKETT, D. L. *et al.* Evidence based medicine: what it is and what it isn't. **BMJ Journals**, [S. l.], v. 312, p. 71-72, 1996.

SANTOS, I. V. dos. **Perspectivas para atuação do profissional da informação na área de telecomunicações**: caso de uma empresa de telefonia móvel. Campinas, 2007. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciência da Informação com Habilitação em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. 2007.

SARGEANT, S. J. E.; HARRISON, J. Clinical librarianship in the UK: temporary trend or permanent profession? Part I: a review of the role of the clinical librarian. **Health Information and Libraries Journal**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 173-181, 2004.

SILVA, C. M. S. Biblioteconomia Clínica em uma unidade hospitalar. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 14, n. 2, p. 299-303, jul. / dez. 1986.

TSAFRIR, J; GRINBERG, M. Who needs evidence-based health care? **Bulletin of the Medical Library Association**, [S. l.], v. 86, n.1, p. 40-45, Jan. 1998.

TARAPANOFF, K.; SUAIDEN, E.; OLIVEIRA, C. L. Funções sociais e oportunidades para profissionais da informação. **Datagramazero**, v. 3, n. 5, out. 2002.

VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002.

VIEIRA, A. S. Mercado de informação: do tradicional ao inexplorado. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v.11, n. 2, p. 177-192, jul. / dez 1983a.

\_\_\_\_\_. Repensando a Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 81-85, jul. / dez. 1983b.

WOLF, D. G. *et al.* Hospital librarianship in the United States: at the crossroads. **The Journal of the Medical Library Association**, [S. l.], v. 90, n. 1, Jan. 2002, p. 38-48.